

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**DISCIPLINA: HIS142(A) Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura.**

**Prof: Ronaldo Pereira de Jesus.**

**Gustavo Ferreira Victor Faria**

**A importância da história local para o ensino de história nos anos iniciais: visitas do presidente Getúlio Vargas ao município de Juiz de Fora.**

A elaboração deste trabalho de conclusão de curso em Licenciatura, visa refletir sobre a importância do ensino de História e de História Local, nos anos iniciais da educação básica. Utilizou-se de entrevistas feitas em escolas da rede municipal de ensino de Juiz de Fora e respectivas professoras numa tiragem, visando destacar o conhecimento real dos mesmos acerca da temática como também a noção de pertencimento ao local, associando a história política da década de 1930 a 1950. Enfatiza a importância da História e da História local, buscando refletir sobre a formação do sujeito histórico, de um olhar do micro para o macro. O trabalho voltou sua atenção para a cidade de Juiz de Fora, o local das visitas presidenciais, discorrendo um pouco sobre a sua história e apresentando alguns momentos importantes como o período após Revolução de 1930 até os anos finais do governo Vargas e a ligação existente entre sua história com a do estado de Minas Gerais e do Brasil, a ligação da história da cidade como grandes momentos do país, e como grandes personagens políticos, ajuda a despertar nas crianças a concepção de pertencimento a sua cidade. A base teórica privilegiou as considerações feitas por: Jacques Le Goff, e os Parâmetros Curriculares Nacionais, Jorge Ferreira e Maria Cecília D' Araújo.

**As visitas presidenciais de Getúlio Vargas a Juiz de Fora: importância e contextualização histórica**

A importância em tal proposta estaria no fato do período a ser analisado, não ser corretamente estudado e compreendido, tanto no que se refere a cidade de Juiz de fora como da personalidade política do Presidente Vargas.

O Presidente Vargas regeu, o país durante todo o período a ser estudado, mas a sua relevância política perpassa bem além de ter governado o país por tantos anos, mas por ter sido na era Vargas, que ocorreram as grandes transformações no Estado e Sociedade que redefiniram os rumos do Brasil.

O período em que Vargas esteve no poder, foi marcado pelo desenvolvimento da economia, do nacionalismo, do controle da classe trabalhadora e da legislação social, concomitante em que predominava a precariedade das liberdades políticas.

A era Vargas deu ao Brasil concepções autoritárias, populistas e populares que foram notáveis pela influência e durabilidade em que permaneceram no imaginário da política e da população brasileira.

Através da cidade de Juiz de Fora-MG, focando na sua própria conjuntura política, que tomo mão como exemplo, para melhor compreender o carisma e personalidade política do Presidente Getúlio Vargas, que se articulou a uma comunidade politicamente diferenciada, e conseguiu realizar as mais variadas formas de possibilidade de consenso. Esta função conciliadora, característica da sua ação política, ( fundamental na argumentação deste trabalho) foi se aprimorando ao longo de sua vida pública, sendo colocada em ação, durante os anos de seu governo, nos mais variados níveis de adaptação , procurando manter coesas e articuladas, em torno de seus interesses, políticos e elites regionais de concepção descentralizadora e particularista.

A historiografia tradicional sobre Vargas e seu governo procurou de forma estruturante e generalizante algumas vezes, eleger grupos ou classes emergentes nos centros urbanos, como os principais atores no jogo político, sem levar em consideração as múltiplas e variadas redes de ligações políticas- regionais fora do governo e da capital, que ao conseguirem participar das negociações diretamente com Vargas, viram a possibilidade de alcançarem seus próprios objetivos. Já que estavam disputando com os demais, por uma forma de representação no poder.

O presente trabalho vem a contribuir na pretensa tentativa de preencher uma das várias lacunas existentes na historiografia juiz-forana, sobre um político cuja a imagem sempre esteve tradicionalmente associada ao cerne das enormes transformações políticas e sociais do país. Este projeto tem como objetivo, tentar compreender melhor as conjunturas políticas e sociais vinculadas ao grande carisma e popularidade, construída em torno da figura do Presidente Getúlio Vargas através do conceito de cultura política, que contribui para melhor elucidar as escolhas e ações, que Vargas construiu para se legitimar em seu contexto histórico.

O recorte temporal deste trabalho enquadra os anos de 1930 a 1954, período em que Getúlio Vargas foi o expoente máximo no jogo político nacional.

A história política de Juiz de Fora, estudada pela historiografia ao longo dos últimos anos, foi baseada em concepções equivocadamente estruturalista e generalizantes, que situavam a política da cidade, sempre dependente da política estadual sem muita participação e autonomia, principalmente após os anos 30, com o regime de intervenção estadual quando a cidade, da perspectiva política-econômica perde todo o destaque, que foi uma de suas características no século XIX e início do XX, para novas regiões em desenvolvimento em Minas Gerais, como a Capital e o município de contagem, que passam a concentrar os investimentos do crescente setor industrial, com indústrias pesadas.

Para melhor entendermos as intrincadas relações que o Presidente Vargas, iria construir ao longo de seu governo, com a cidade de Juiz de Fora e o estado de Minas, analisarei primeiro, a origem das ligações políticas entre Vargas e a criação da aliança liberal, com os mineiros.

“Não só pelo seu progresso, como pelo valor de seus homens públicos, Juiz de Fora tem estado sempre em evidência na vida nacional, registrando a História numerosos acontecimentos que a colocam em plano destacado no concerto das cidades brasileiras, tanto no Império como na República. Mas nunca mereceu tanta atenção política quanto a que despertou a partir de 1928, em virtude de encontrar-se na chefia do Governo do Estado um político juizdeforano de largo prestígio em todo o País \_\_Antônio Carlos ribeiro de Andrada.[...]Foi numa dessas visitas de Antônio Carlos a Juiz de Fora que nasceu, em 1929,a Aliança Liberal\_\_ de cuja campanha resultou a revolução de 1930.[...]Realizaram-se então, na sua residência, à rua do Espírito Santo, vários entendimentos políticos, podem-se dizer que foi ali que nasceu a candidatura Getúlio Vargas à Presidência da República[...].”(OLIVEIRA, 1966.p,246-47)

Neste trecho, fica evidente a participação de destaque da cidade nos acontecimentos políticos que levariam a revolução de 1930. A minha segunda análise, seria sobre os impactos do movimento de 30 na cidade e em sua população, focando na reação e participação, reconstituindo a formação das bases desta ligação, tanto da elite política, quanto do povo.

Segundo o historiador local, Paulino de Oliveira, que escreveu sobre o momento:

“ A aurora de 24 de Outubro[...]Desde as 8 horas da manhã sabiam as autoridades militares que o dr. Washinton Luis fora deposto, mas somente às 14 horas foi que a população tomou conhecimento da noticia, por meio de um comício improvisado na rua halfed, em que falou o professor Lindolfo Gomes, anunciando a vitória da causa revolucionaria. Daí a houco as ruas se encheram de povo, verificando-se por toda parte reuniões e passeatas em que homens, mulheres e crianças de todas as classes sociais, empunhando a Bandeira Nacional davam mostra de incontido júbilo.”(OLIVEIRA. 1966.p,256-257)

Ao analisar os periódicos do período, notei que desde o momento de consolidação dos acontecimentos no Rio de Janeiro ( Capital Federal), e estava confirmada a deposição do Presidente Washinton Luis, a população juiz-forana formada dos mas distintos seguimentos sociais, originou-se numa multidão eufórica nas ruas centrais e em frente a Câmara Municipal, com um hino unificado gritavam palavras de ordem em favor da Revolução, quais como “viva o Brasil”; “Salve a Revolução”; “Antônio Carlos”(então Presidente do estado de Minas Gerais, natural de Juiz de Fora)

Apesar das boas ligações da cidade com o Presidente deposto, que inclusive chegou a visitá-la, no ano de 1928 em companhia de Antônio Carlos, sendo muito bem recebido. Os juiz foranos que saíram as ruas para salvar a mudança política( mesmo que não fossem unidos sobre o que representaria tais mudanças em suas vidas) não encontraram resistência ou manifestações contrárias a Vargas e o inicio de um novo governo, principalmente pela associação deste com Antônio Carlos.

Outro dado que reforça a boa aceitação da cidade com a figura de Vargas, são os próprios resultados da sucessão presidencial de 1930, em que a Aliança Liberal (Antônio Carlos) ganhou, como já era esperado com a seguinte diferença de votos: Getúlio Vargas 5.606; João Pessoa, 5.604; Júlio Prestes 1.337 ( candidato Paulista) e Vital Soares, 1.307. Desta forma no

jeitinho bem brasileiro, quando a sorte do movimento Revolucionário virou a favor de Vargas, a maioria automaticamente já gostavam dele, esquecendo-se de quem gostavam.

Além destes fatores que já são bastante conclusivos, no intuito de afirmar a relevância da participação de juiz de Fora, nos acontecimentos da Revolução de 30, em âmbitos estadual e federal, a cidade contribuiu diretamente no movimento armado da deposição, ao enviarem tropas da força policial do município, sobre o comando do Coronel Edmundo de Lery Santos e do delegado Menelick de Carvalho( futuro prefeito)

Após a Revolução, a estrutura administrativa da cidade, sofre alterações com a lei federal da intervenção, passava agora a ter o cargo de prefeito, que entre a suas atribuições estava o Executivo e o Legislativo, auxiliado por um conselho Consultivo, que deliberaria sobre vários aspectos da vida pública municipal.

O Dr. Pedro Marques de Almeida, havia sido eleito para o cargo de vice-governador de Minas Gérias, mas como a revolução extinguiu tal cargo, foram lhe oferecido duas ocupações compensatórias: interventor em Sergipe, ou prefeito de Juiz de Fora, no qual preferiu. Tomou posse do novo cargo em dezembro de 1930, durante o seu curto mandato procurou resolver a questão crônica da falta de abastecimento de água da cidade, buscando financiamentos com o governo do estado, por intermédio de Antônio Carlos. Por motivos de saúde se afastou do cargo em setembro de 1933.

O seu substituto, nomeado por Antônio Carlos, foi o Dr. Menelick de Carvalho, delegado da cidade, que atuou no movimento de 30. Como prefeito, deu continuidade aos projetos iniciados na gestão anterior, realizando várias obras, como a construção de represas e adutoras que minimizaram os problemas com a falta d'água. Grande parte das obras e recursos capitados para a cidade, conseguidos pelo Dr. Menelick, foram oriundos das boas relações políticas, com o governador de Minas e os deputados Dr. João Penido e Dr. João Tostes, este como veremos adiante, era amigo pessoal do Presidente da República. Em maio de 1936, principalmente pelas boas relações de amizade, com os já citados homens públicos, foi nomeado para reassumir a Secretaria do interior, na Capital, sendo substituído pelo Dr. Álvaro Braga de Araújo, até as próximas eleições.

De fato realizadas as eleições, tornou-se chefe do Executivo Municipal, em agosto de 1936, o Dr. Eduardo de Menezes Filho, que era advogado geral do Estado, e fora indicado pela agremiação política local, já mencionada. A sua administração foi marcada, pelo golpe do Estado Novo, com o decreto-lei nº11, o interventor mineiro Dr. Benedito Valadares, deixou a cargo dos vereadores escolherem, quem deveria ser nomeado, para prefeito, sendo este escolhido o Dr. Rafael Ciriglico, em novembro de 1937. Durante os anos de sua administração, que foi muito bem vista pela cidade, segundo consta nos jornais da época, foi o prefeito que mais tempo permaneceu no cargo, até o ano de 1943, quando do ingresso do Brasil na guerra, fez com que as origens italianas do seu chefe de gabinete, cria-se tensões políticas, que levaram a sua substituição, pelo sobrinho do Dr. Valadares.

O Dr. José Celso Valadares Pinto, foi o único chefe da administração municipal, sem raízes com a cidade, em torno da sua nomeação, se polarizaram os motivos, sendo aqueles que defendiam um carinho por parte do Governador Valadares com a cidade e os políticos locais viam na nomeação uma espécie de punição. De fato sua gestão foi bem morna quanto ao desenvolvimento da cidade, saindo do cargo, pouco depois de Vargas. Assumindo um tradicional político da cidade o Dr. José Batista de Oliveira. Após ele, novamente uma rápida passagem, do Dr. Álvaro Braga, até a posse do Dr. José Procópio Teixeira Filho em 1946, este ficaria também temporariamente no cargo, até as primeiras eleições diretas no país.

O ano era 1947, um fato inédito na história brasileira, os prefeitos municipais passam a serem eleitos diretamente pela população. Em juiz de fora esta mudança, foi acompanhada pela renovação do quadro de influencia politica, estavam fora de atuação politica ou falecidos, os principais políticos norteadores, como Antônio Carlos, João Penido, Constantino Paleta e João de Rezende Tostes. Novos atores surgiram, como os Drs. Dilermando Martins da Costa Cruz Filho, Lair Paleta de Rezende Tostes e Álvaro Braga de Araújo.

Para a votação de novembro de 1947, na cidade ficaram as chapas constituídas dos seguintes candidatos e respectivos vices: Dilermando Cruz e Infante Vieira, com o apoio do PR baseados no PSD, sobre a tutela do Dr. Álvaro Braga e outros diversos partidos de menor representação. Sílvio de Abreu e Pedro Gomes de Oliveira, do partido PTB de Vargas. E por último entrando no final, Deusdedit Salgado e Botelho Junqueira, da UDN e Partido Democrata Cristão. Saiu vencedor o Dr. Dilermando Cruz e Infante Vieira com 12.802votos.

O mandato do prefeito Dilermando, foi marcado pelo crescimento urbano da cidade, principalmente no que se refere a expansão rodoviária do município, em janeiro de 1951, deixa o cargo em decorrência de ter sido eleito deputado federal, assumindo o vice, até a posse no mesmo mês de Olavo Costa, que exerce o cargo até 1955.

Após a contextualização da politica da cidade, durante os anos em que Vargas esteve a frente dos principais acontecimentos do país, assim como o entendimento das primeiras ligações deste político com os mineiros, que serve de base para melhor analisar as redes de articulação politica na cidade com o presidente. Como método de analise, foco agora em reconstituir aspectos das próprias viagens presidenciais ao município, ressaltando questões fundamentais como, o motivo que o trouxe, onde se estabeleceu, as pessoas com quem se relacionou, a reação da população e se essas visitas deixaram algum legado material ou imaterial consolidado.

O primeiro contato com Juiz de Fora do Presidente Vargas, foi em 21 de fevereiro de 1931, quando este estava a caminho de Belo Horizonte, o momento foi relatado pelo próprio Presidente, em seu Diário:

“As 14, parto para Belo Horizonte, tomando o trem da Central.[...]Recebo manifestações nas cidades do interior do Estado do Rio onde passa o trem. Em Barra do Piraí, veio esperar-me o ex-presidente Venceslau Brás, a quem ainda não conhecia. Conversamos durante algum tempo, deixando-me boa impressão. Incorporou-se à comitiva. À noite, chegamos a Juiz de Fora, onde me esperava Antônio Carlos. Grande banquete no hotel principal. Saudado pelo prefeito, ex-vice-presidente do estado, respondo. Prosseguimos viagem, incorporando-se Antônio Carlos à comitiva.”(VARGAS.apud SOARES, 1995p,49)

O jornal da cidade ( Diário Mercantil) registrou os principais fatos da passagem, sendo um ótimo relato do ocorrido. Segundo o mesmo uma multidão aguardava na estação, a chegada do comboio presidencial, o fim da espera se deu as 21horas. O Presidente teve grande dificuldade em transpor a multidão, que o aclamava freneticamente, quase majestosamente, no percurso até o carro, que o levaria ao hotel Palace, no centro, onde a custo da prefeitura fora armado um suntuoso banquete em sua homenagem, acompanhando Vargas ao jantar, estavam o Presidente do estado, Dr. Antônio Carlos, o Dr. Pedro Marques de Almeida e várias personalidades da politica local. Após as pelepas, Getúlio concede uma entrevista ao jornal já mencionado, na qual agradece a enorme hospitalidade recebida no município, fazendo votos de retorno. No retorno a estação, a multidão fiel e quase incansável continua a segui-lo, embarcou a rumo da capital.

Obviamente a noticia da passagem do Presidente da Republica, pela cidade ganhou grande repercussão nos jornais, durante semanas após o ocorrido, apesar de ter sido rápida a passagem, o sentimento de destaque regional por ter recebido o homem público nacional de maior importância, permaneceu na cena politica de Juiz de Fora, assim como de outras localidades que tiveram tal oportunidade.

O segundo momento de Vargas, em Juiz de Fora, foi menos divulgado a população em decorrência dos objetivos a serem tratados. Em Abril de 1933, chegava a fazenda da Floresta, propriedade do Sr. Teodorico de Assis, para discutir com o interventor do estado, Olegário Dias Maciel, os princípios que ambos deveriam defender na Constituinte, após os diálogos foram almoçar com a família do proprietário, estavam presentes também, Drs. Virgílio de Melo Franco e Gustavo Capanema.

Depois deste primeiro contato, Vargas teria uma especial atenção com a cidade, sobretudo para com seu progresso e favorecimento de políticos aliados locais, após a segunda passagem, no inicio do ano de 1934, o Comandante da 4º região militar sediada na cidade, o General Deschamps Cavalcante, anunciou que Juiz de Fora foi escolhida (com certeza não por caso ou sorte), para receber as instalações de uma Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia do Exército, empregando mais de 600 operários da cidade. Juiz de Fora também conseguiu a aprovação de um empréstimo da união, para as obras do novo abastecimento do município, com rara rapidez em um período de baixa arrecadação dos cofres públicos e recuperação econômica mundial da crise de 1929.

A terceira visita de Vargas a cidade, ocorre pelo motivo de seu aniversário, em 19 de Abril de 1934. O chefe do Governo Provisório, junto da esposa Sra. Darci Vargas e filhas, a convite do Dr. João Rezende Tostes, foi comemorar anos, em uma de suas Fazendas, chamada de São Mateus em Juiz de Fora. A ocasião mereceu algumas notas no diário de Vargas:

“Conforme combinara previamente com o dr. Menelick de Carvalho, prefeito de Juiz de Fora, parti no dia 19 para São Mateus, fazenda do dr. João de Rezende tostes, naquele município. Acompanharam-me minha mulher, as duas filhas e um ajudante-de-ordens, capitão Ubirajara. Embora as reservas guardadas sobre esta viagem, não pude furta-me à curiosidade jornalística. Passe dois dias agradáveis, em completo repouso nessa velha fazenda patriarcal, mas com todos os requintes do conforto moderno, e onde fui tratado com a maior gentileza.[...]” (VARGAS. Apud SOARES.1995. p,288)

O retorno estava agendado para o dia seguinte, mas Vargas decidiu estender a sua estada com a família Tostes, fato este que revela a posição diferenciada ocupada pela cidade e seus políticos, mas o determinante mesmo sobre o prestígio político de Juiz de Fora para Vargas, esta nesta entrevista do Presidente com os jornalistas, ainda durante a visita:

“ Ontem, à noite, palestrando com os jornalistas, o Sr. Getúlio Vargas declarou que iria sugerir ao Sr. Antônio Carlos a mudança da Capital da República para Belo Horizonte, e o estabelecimento da capital de Minas em Juiz de Fora.”(entrevista de Getúlio Vargas ao Diário Mercantil, realizada em 19/04/1934)

Para mim, apesar de tal projeto nunca ter acontecido, se levarmos em consideração que a proposta, partiu do próprio Vargas, sendo discutida mas a frente, (projeto desconhecido pela maioria da cidade e historiografia) revela ser uma fundamental prova da importância, centralidade e dinâmica das relações políticas, envolvendo de forma determinante a cidade e estado na construção da política nacional, servindo também como novo elemento para uma revisão da tradicional historiografia, que situa Minas como estando marginalizada pelo Governo Provisório.

Continuando a análise das estadas do presidente, entre os dias 20 de julho e 2 de agosto de 1935, Vargas esteve novamente em uma temporada de descanso, na Fazenda dos Tostes. Elevando de fato a cidade de Juiz de Fora em capital política da Nação, transferindo para tal toda a agenda de compromissos presidenciais realizados no Rio de Janeiro. Desta vez sem a família, o chefe da república aproveitou para fugir das tensões de governo na capital, vivendo momentos de regalias e puxasaquismos da família Tostes, que adora o faze-lo. Além de ter sido a permanência de maior duração na cidade, foi também a mais importante no intuito de consolidar articulações com Vargas e elites políticas regionais (o Dr. João Tostes fora indicado para o cargo da presidência do Banco Rural da República, evidentemente pelas ótimas ligações com Vargas) e recursos capitados para a cidade, como neste trecho do diário:

“De acordo com a combinação prévia, fui a Juiz de Fora. Acompanharam-me o prefeito, dr. Menelick de Carvalho, o dr. João Tostes e seu filho Lair, e o Fábio Andrada, que viera de Belo Horizonte visitar-me. Visitamos o Museu Mariano Procópio, a Fabrica de Estoijos e Espoletas de Artilharia, o quartel da Artilharia de dorso, ambos em construção, e a coudelaria. Após o almoço, fomos visitar as obras do abastecimento de água da cidade, a grande represa em construção, e regressamos a São Mateus. Em seguida, despachei numeroso expediente e concedi isenção para o material da empresa hidráulica, o que muito satisfiz aos elementos dirigentes do município.”(VARGAS. apud SOARES. 1995.p,408)

Esta teria sido, a última visita de Vargas a fazenda dos Tostes, com os acontecimentos que levaram ao golpe do Estado Novo em 1937, Getúlio consolida suas características políticas, adaptando-se novamente a esse momento, transfigurando para o autoritarismo, perde o apoio de Antônio Carlos, apesar de continuarem amigos, o Dr. João Tostes não concordava com o novo governo, levando a um inevitável afastamento de ambos.

Em março de 1940, a pedido especial do pai, a filha de Vargas, Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que era braço direito do presidente, acompanhada do marido o interventor federal do

estado do Rio de Janeiro, vieram a cidade para a entrega de algumas obras, cujo o financiamento passava pelos méritos pai.

A última visita de Vargas, antes da queda do Estado Novo, foi no aniversário do município, em 31 de maio de 1945, em companhia do governador Benedito Valadares, segundo o jornal Diário Mercantil, os dois foram recebidos com enorme comoção da população, principalmente os trabalhadores das indústrias da cidade (era a primeira aparição de Vargas em dez anos na cidade e após a consolidação da legislação trabalhista), foram prestadas por sindicatos e a prefeitura grandes homenagens, como o lançamento da pedra fundamental do monumento, a própria excelência, no parque Halfeld.

Finalmente com a deposição do Presidente Vargas, pelos militares no Rio, a cidade poderia expressar livremente sua oposição a sua figura e seu governo, como em várias cidades do país, o que de fato ocorreu, grupos formados por políticos da UDN e seus simpatizantes e a elite liberal, foram às ruas contra o regime, (assim como o fizeram em 1930 contra Presidente Washington Luís) em números infinitamente menor que os apoiadores de Vargas, primeiro na campanha queremista e depois durante a campanha do General Dutra

O último episódio deste homem em Juiz de Fora, foi durante a campanha presidencial de 1950 em setembro, palestrando para milhares de cidadãos que compareceram ao comício, não parecia que Vargas tinha perdido seus apoiadores, estes cada vez mais crescentes, o prestígio do ex-ditador teve que ser mencionado até pelo jornal oposicionista da cidade. O discurso voltado como de costume para os trabalhadores dos setores mais pobres, lembrando o povo local, do passado de boas ligações e momentos vividos ali, e dos benefícios conseguidos durante o Governo Provisório e Estado Novo. Após o comício Vargas que ficara hospedado na residência de Geraldo Mascarenhas diretor da Cia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, janta com personalidades políticas locais, esteve presente os candidatos a prefeito e vice, a notícia da passagem, do presidente em Juiz de Fora, ganhou destaque em jornais da capital federal, como o Cruzeiro.

O mas esperado aconteceu, Vargas ganhara a eleição nesta cidade industrial, com 18.266, contra 8.932 do Brigadeiro Eduardo Gomes, que também passara pelo município, para a campanha.

Como um desfecho dramático da cronologia, das relações do Presidente Vargas e a Cidade de Juiz de Fora, termino com os impactos da notícia de seu suicídio para o povo juiz-forano. A notícia da morte do Presidente do Brasil, e a publicação de sua carta testamento, evidentemente esperado, causou extraordinária comoção popular, nos mais diversos setores da cidade, que teve sua rotina habitual completamente paralisada em decorrência das manifestações populares em várias partes da mesma. Comitês de partidos contrários ao governo, assim como as casas de políticos e lideranças udenistas, foram apedrejadas tendo que a polícia intervir para assegurar a ordem. Houve vários relatos de pessoas aos choros e soluços, pela perda ao que parece, deste homem público de quem tanto amavam e fora-lhes próximos.



A análise das ligações do presidente Getúlio Vargas com este município em particular, através da reconstituição de suas viagens e o estabelecimento de redes de clientelismo político, contribui para a renovação historiográfica, sobre um período frequentemente negligenciado na história local, completando de certa maneira, os estudos que privilegiam o Império e Primeira República, servindo de base para vários outros.

Compartilho com pesquisas, que mostram uma relativa diminuição do crescimento econômico da cidade a partir dos anos 1930, sobretudo no regime de interventoria de Benedito Valadares, mas mesmo que tenha havido uma redução da autonomia política e destaque econômico-industrial, isto de forma alguma representou, uma ruptura incontornável que deixaria Juiz de Fora em um ostracismo de décadas, como a tradicional produção histórica, postulou.

Ao pensarmos, nos diversos atores políticos desta região e em suas variadas formas de representação, que por sua vez conseguem negociar seus objetivos na esfera estadual e federal, através de uma cultura política em que predominava a disputa por interesses em diferenciados níveis de sociabilidades tanto políticas, comerciais e familiares, desta forma os homens públicos da cidade, legitimados pelo passado de glórias e destaque, enxergaram na redução da autonomia político-econômica, a ameaça de uma marginalização, buscando assim novas formas de representatividade política, que levaria a defesa de seus próprios interesses, estes associados com os da cidade.

Minha teoria, é que os políticos juiz-foranos, vinham a possibilidade da manutenção de seus interesses e projetos, na participação do jogo político-ideológico de Vargas. Utilizando-se deste padrão, Getúlio através da associação com estas autoridades regionais e nacionais, viabilizou uma forma de assegurar, (pelo menos no início do governo) o crescimento de suas redes de apoio político, criando bases nas mais diferentes regiões da Nação, para o seu projeto de favorecimento popular.

Segundo a autora Maria Celina D' Araújo, "Vargas será, por muitos anos, o político que busca vagarosamente construir suas bases e que, portanto, não se permite avançar mais além da posição segura de conciliador instrumental" O caráter conciliador, desenvolvido ainda no estado gaúcho, foi sendo aprimorado após 1930, o presidente tentou manter coesas e associadas ao redor de centro políticos elites regionais de concepção descentralizadora. Durante o Estado Novo, se consolida o poder pessoal de Vargas, que através do Estado constrói a personificação do mito político cultural. Com o DIP, controla a informação, propagando rituais de massa, que aclamam sua figura de líder benfeitor. Getúlio cria toda uma simbologia para se legitimar, como desfiles, manifestações, programas radiofônicos, discursos em estádios de futebol, sendo incorporado pelos estados, através das escolas, clubes (como a Legião 3 de outubro em Juiz de Fora), sindicatos e repartições públicas. Ao definir estas estruturas ideológicas, nos setores regionais e nacionais, Vargas aglutina em torno de si a participação popular, que passaria ser sua base de legitimação.

Para a realização deste trabalho, em que adotei o conceito de cultura política como metodologia de pesquisa, e princípio norteador, utilizo como fontes diversos instrumentos de trabalho necessários ao estudo dos eventos políticos, que de forma superficial e esquemática foram abordados aqui; entre eles estão, jornais do Diário Mercantil de Juiz de Fora entre os

anos de 1929 a 1954, relatórios da prefeitura no período referido, ambos encontrados fisicamente no arquivo histórico da mesma, atas da agenda presidencial digitalizadas, resultados eleitorais, e entrevistas com alunos e professores, das escolas publicas de Juiz de Fora.

## **Bibliografia**

- D' ARAULO, Maria Celina. *As Instituições Brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Ed. FGV, 1999.
- FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, ptb e cultura politica popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Ed 2005.
- OLIVEIRA, de Paulino. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora. 2ºed. 1966.  
\_\_\_\_\_*Efemérides Juizforanas (1698-1965)*. Juiz de Fora. Ed. 1975.
- SOARES, Leda. *Getúlio Vargas: Diário. volume I (1930-1936)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV. Ed. 1995.  
\_\_\_\_\_*Getúlio Vargas: Diário, VolumeII(1936-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV. Ed. 1995.
- NEVES, Rômulo Figueira. *Cultura politica e elementos de análise da politica venezuelana*. Brasília: FUNAG, 2010, 152p. (tese mestrado). Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/682-Cultura politica e elementos de analise da politica venezuelana.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/682-Cultura%20politica%20e%20elementos%20de%20analise%20da%20politica%20venezuelana.pdf) Acesso em:16/02/2016 as 16:26horas.